

Risco Mercosul

O jornal argentino *La Nación* estampou duro editorial afirmando que a defesa, pela oposição brasileira, da desvalorização cambial, do aumento de impostos, da aposentadoria integral e da revisão das privatizações "introduz um paralisante elemento de incerteza que afeta toda a região".

Buenos Aires receia mudanças abruptas na condução da economia brasileira porque capazes de afetar desfavoravelmente a marcha do Mercosul e transtornar os negócios internos argentinos. Ou seja: o risco Brasil envolve, hoje, nossos parceiros do Mercosul e também os países andinos prestes a se associar.

Ninguém ignora que campanhas políticas produzem turbulência e volatilidade. Mas não é recomendável agravar o quadro com considerações impensadas que desvalorizam ativos a serem privatizados e criam dificuldade aos investimentos internacionais. A crise asiática deixou os investidores internacionais ressabiados com os países emergentes.

A Moody's Investor's Service, empresa especializada na avaliação de risco de crédito, rebaixou de estável para negativa a avaliação de cenários da economia brasileira. A Telebrás, a Globopar e a Multicanal Participações S.A foram rebaixadas apenas por estarem sediadas no Brasil. Declarações insensatas sobre a eventual anulação da venda do sistema Telebrás geram intranquilidade entre os in-

vestidores, mesmo que o governo brasileiro procure tranquilizar o mercado.

Lula e Brizola não têm programa, mas insistem em atirar em todas as direções sem se preocupar com os riscos envolvidos no tiroteio. Antes de prometerem revogar as injustiças do mundo por decreto, fazer a reforma agrária por decreto, taxar o trigo argentino ou aceitar um pouquinho de inflação, deveriam pensar duas vezes. Propor desvalorização cambial no momento que, para tranquilizar o mercado, aumenta-se o peso dos títulos federais corrigidos pela variação cambial sobre as reservas internacionais, é trabalhar contra o Brasil.

Como diz o ministro da Fazenda, Pedro Malan, é um perigo minimizar o controle da inflação num país que levou 30 anos construindo uma cultura inflacionária de indexações. Criar bolhas de crescimento artificial é fácil: basta soltar o gasto público sem confessar a empulhação embutida nesse gesto. Conviria ainda esconder que grande parte das propostas espalhafatosas dos candidatos da oposição depende de aprovação pelo Congresso Nacional.

O candidato do PPS, Ciro Gomes, pelo menos é mais honesto, ao defender com todas as letras o aumento de impostos, em vez de ignorar como Lula e Brizola que estabilidade, crescimento econômico e melhora na condição de vida podem ser resolvidos por passes de mágica. Bater é fácil. Difícil é apresentar soluções.